

Notícias de Guimarães

ANO 17.º Nº 936
 GUIMARÃES, 8 de Fevereiro-1948
 Red. e Adm., R. da Rainha, 55-A. Tel. 4319
 Comp. e Imp., Minerva Vimaranesa. Tel. 4177
 Visado pela Censura. Avença

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

A Rádio Particular Nortenha Porta-Voz da Caridade Portuense

Todos nós somos crianças, eternamente crianças, e como eternas crianças que somos também gostamos de brinquedos. Simplesmente, com as mudanças da idade vamos mudando de brinquedos e de brincadeiras. Uns brincam com aviões, outros com locomotivas, uns preferem remar, outros guiar automóveis, uns adoram pescar trutas, outros pelam-se por caçar leões... Gostos não se discutem. O próprio amor, às vezes, não passa de uma brincadeira... séria, que principia a rir e acaba a chorar. Também não é novidade nenhuma para ninguém, isto de certas brincadeiras engraçadíssimas terminarem em caudais de lágrimas... *Brincos dão em Chorinos*, sentenciava minha avó ao ajudar-me a levantar do chão onde eu me estatelava frequentemente embarçada nas cordas que saltava a primor...

As cordas... Nenhum bonito, por mais bonito que fosse, as suplantava!... As cordas e o baloiço!... Os joelhos esmurrados ou as mãos esfoladas não me curavam da mania... Mas o brinquedo dilecto da minha existência de criança... grande, tem sido um aparelho de telefonia sem fios!

O que ele me diverte! Esta maravilhosa caixinha, reluzente e sonora, é a melhor companhia que se possa imaginar. Fala todas as línguas, chora, ri, toca variadíssimos instrumentos, cultiva todos os géneros de música, canta em todos os tons, proporciona recitais poéticos, ópera ou teatro declamado, notícias palpitantes, as últimas descobertas da ciência e as primeiras novidades da moda... E tudo nos dá sem nos obrigar a aceitar nada pois à menor pontinha de enfado basta desandar ou premir um botão, e pronto, tapamos a boca ao palrador longínquo ou imobilizamos o numeroso instrumental da maior orquestra sinfónica do universo!...

Só isto... Quando o destino me leva a ouvir determinadas conferências infundáveis, no desconforto da sala deserta ou chela como ovo — em conferências não há meio termo, vai toda a gente ou ninguém — quantas vezes me lembro, saudosa, do botão do aparelho de telefonia que deixei em casa!... E sorri-lhe de longe, antegozando a felicidade do regresso, certa de o encontrar na melhor disposição do mundo para me compensar de algumas maçadas da vida...

Nem tudo, porém, são alegrias. Outras vezes entristece-me o seu extraordinário poder de ressuscitar os mortos. E os que se foram para não voltar, voltam, a cantar, a falar e a rir, como se fossem vivos... Margarida Ferreira, gorjeando: Cigarreira, cigarreira... Porque todo o nosso amor se desfaz em cinza e fumo... José Rosa, o tenor de voz de ouro que em lugar da glória encontrou a morte, na Itá-

lia: Aldina de Sousa, garganta privilegiada emudecida de repente em plena mocidade: Alfredo de Albuquerque se sublinhando as suas cançonetas brejeiras: Carlos Gardel, inconfundível na nostalgia dos seus tangos: Santos Carvalho, do Porto — que nasceu e morreu em Lisboa... — a repetir as suas facécias: Chabi, a recitar João de Deus — que dois!

O dinheiro é tão bonito, tão bonito, o maganão...

E outros e outras — os mortos-vivos e os vivos-mortos... para a arte, aqueles que deixaram de cantar no palco e continuam a cantar na Rádio graças à misteriosa espiral gravada no misterioso disco...

Por tantas maravilhas a caixinha mágica se recomenda à nossa admiração. Há, no entanto, alguma coisa mais a dignificá-la:

O que através dela se passou, no capítulo Caridade, dos fins de 1947 a princípios de 1948:

Novíssimo, poderoso, eficiente instrumento de bem-fazer, a sua acção a favor dos infelizes, foi notável. Pela voz dos seus locutores unidos num grande ideal de filantropia, a voz da Rádio Particular Nortenha entrou, se pode dizer, em todas as casas da Invicta, entrou em todos os corações, lembrando o dever de nos ampararmos uns aos outros.

Locutores houve arvorados em pregoeiros, batalhando de dia e de noite, neste e naquele posto, sem olharem a sacrifícios, em frenética actividade, no ardoroso empenho de arranjar o mais possível para os necessitados.

Comparável à sua incansável dedicação, só a inesgotável generosidade tripeira!

Dinheiro, géneros alimentícios, roupas, calçado, objectos úteis, prendas importantes para leiloar, tudo no valor de muitos milhares de escudos, angariou a Rádio Nortenha para os desprotegidos da sorte.

Da esplêndida campanha beneficiaram numerosos infelizes, a Casa do Gaiato, o Lar das Raparigas, o Lar das Crianças e dos Velhinhos — e até os pobres envergonhados que não sabem pedir...

Por este belo exemplo de solidariedade humana, bem podemos chamar à Rádio Particular Nortenha «Porta-voz da Caridade Portuense» e reconhecer que a tal caixinha mágica, merece também, além da nossa admiração, um pouquinho de amor...

Ludovine Frias de Matos.

BISPO DE BEJA

Esteve a passar uns dias nesta cidade, no Seminário da Costa, tendo regressado na terça-feira ao Porto, de onde seguiu para a sua Diocese, S. Ex.ª Rev.ª o Senhor D. José do Patrocínio Dias, Venerando Bispo de Beja.

José Pelayo e Silva
 Solicitador encartado

Escritório: Largo do Toural, 52-1.º
 — QUIMARÃES —

Águas passadas...

Um «viva», que pareceu deslocado e rubro.
 Uma «fifia», em programa de festa.

Tomo o calendário das *Qualterianas*, em 1906. Lá está, como cartaz berrante, — a Banda Regimental do 37 de Múrcia. Berrante, não tanto pelo efeito instrumental, mas pelo colorido exótico das pantalonas vermelhas dos seus músicos. Como um garraio marando em capa de toureiro, assim o nosso povinho ficou cativo das pantalonas dos gallegos.

Também eu, por incumbência, me incorporei no cortejo, da estação à casa da Câmara. Debaixo do meu domínio... folclórico, iam mais de um cento de raparigas, cantando, à desgarrada:

O' Guimarães, teu progresso, tua vida...

Lá do alto das sacadas, caíam sobre o cortejo bizarro, — onde brilhavam, a par das bandeiras, os saíotes das raparigas e as pantalonas dos músicos —, flores, muitas flores.

E pela boca estreita da portaria do edifício municipal, enfiou a cabeça do longo cortejo, deixando de fora, no largo fronteiro, a cauda imensa.

Discurso de boas-vindas. No remate, muito vivório. Foi neste lance que um cometimento inglório teve lugar. Gritei eu, na plenitude de uma convicção, libérrima:

— Viva a Espanha de Salmeron!

Ao que, tonitroantes, responderam, em unísono, as

minhas discipulas de saíote vermelho:

— *Vitva!*

Na mesma concordância, o «viva» foi acompanhado por todos. E' que nunca o entusiasmo do povo precisou de reflectir sobre os «vivas» que dá. Salmeron era, para os manifestantes... um desconhecido ilustre. Para mim, pouco mais. Só o Presidente da Câmara, que era o erudito Abade de Tágilde, só esse é que passava a craveira vulgar, — para não ignorar de Salmeron, ao menos, a sua qualidade de chefe do Partido Republicano Espanhol. Razão suficiente para logo contrapor ao meu «viva», estes outros, em seu parecer mais oportunos:

— *Viva o Rei! Viva a monarquia espanhola!*

Ao que a mesma onda de manifestantes clamou, agora com mais fúria, num desforço contra mim:

— *Vitva!*

Fiquei... arrazado! Como havia eu de explicar àquela gente, a razão de ser do meu brado entusiástico à Espanha de Salmeron? Inútil. Sentime, esta é que é a verdade, *achata*, que parecia eclodir. Ao cabo da sessão, liberto das contingências de um *fole de murros*, eu senti junto ao meu braço, o braço de um amigo. Com esta solidariedade na

No Aniversário do Benemérito Albano de Sousa Guise

Na próxima terça-feira, dia 10, passa o aniversário natalício do prestimoso Cidadão e nosso querido *Conterrâneo* e



Amigo Sr. Albano de Sousa Guise — benemérito das nossas Instituições de Assistência, devotado Amigo da nossa *altiva Penha*, coração sempre aberto para colaborar nas grandes iniciativas e para amparar os desprotegidos da sorte — *Homem de rasgadas iniciativas que lá fora, em Terras de Santa Cruz, tem sabido impor-se à consideração e ao respeito de todos, prestigiando-se e prestigiando a nossa*

Terra, de que é filho muito ilustre.

São de sobejo conhecidas as suas benemerências, e o seu nome, tão conhecido também e respeitado na Nação irmã, é o do mesmo modo no nosso país, sendo por todos muito apreciadas e tidas por isso mesmo no mais alto apreço as admiráveis qualidades de que é possuidor.

«Notícias de Guimarães», ao prestar àquele seu querido Amigo a homenagem, singela mas vibrante, da sua muita admiração, grande estima e do maior respeito, fá-lo com a certeza de que é intérprete dos sentimentos dos Vimaraneses e da Terra que tanto lhe deve já, em nome dos velhinhos, dos doentes, dos órfãos e das criancinhas que as nossas Casas de Caridade agasalham e que Albano de Sousa Guise tantas e tantas vezes tem ajudado, generosamente, a viver. E fá-lo igualmente saudando o devotado benemérito da nossa bela Estância da Penha, cujo nome está bem gravado no coração de todos nós.

Que o Senhor Albano de Sousa Guise aceite o abraço sincero que de longe lhe enviamos e que Deus lhe dê uma vida longa e repleta de prosperidades, são os votos que fazemos e os votos que fazem no dia do seu aniversário natalício todos os seus numerosos amigos e admiradores.

Ainda o caso da Moagem Homenagem justa

Por intermédio do «Notícias de Guimarães» que, desde a primeira hora, acompanhou com o maior interesse o palpitante problema da transferência da Moagem do Minho para Moreira da Maia, e defendeu, o melhor que pôde e soube, a posição e os direitos da sua Terra nessa tentativa desvalorizante do seu património industrial, puderam os vimaranenses tomar conhecimento das muitas demarches feitas em prol da causa de Guimarães e do preponderante papel que nelas tiveram determinadas entidades oficiais para ser atingido o fim que se verificou e que, em boa verdade, a todos satisfaz.

Os vimaranenses não ignoram, pois, que para a solução a que se chegou e da qual não saíram diminuídos nem os direitos da sua Terra nem menosprezados o seu brio e a sua dignidade, muito se ficou devendo — tudo se ficou devendo, diremos melhor — à manifesta e inesquecível prova de boa vontade e ao alto

desgraça, sal do edifício da Câmara.

Poucos anos decorridos, Salmeron, morre. O seu enterro teve importância apoteótica. O rei de Espanha, D. Afonso XIII, faz-se representar no seu funeral. Era como se, com o morto, fosse a enterar um pedaço da alma da Pátria espanhola.

Final, Salmeron não era, apenas, o chefe de um partido político de oposição à Monarquia. Foi mais que isso: um vulto nacional. Ele era, para o próprio rei, — um Grande de Espanha. A sua prestigiosa figura, avulta na História.

Mas fosse lá eu explicar isto ao erudito Abade de Tágilde, da minha terra!

Ele, sim, é que tinha toda a oportunidade para o seu intempestivo remoço. Atirando-me com os seus «vivas» para a guela dos manifestantes, não o fazia por mal. Estava na lógica. Ainda se eu reservasse o meu «viva» para depois da morte do notável vulto espanhol!

Então, seria um símbolo vivo, neutral.

A. L. de Carvalho.

GANDHI

Na história da humanidade, os seus grandes movimentos ou mutações são enquadrados por ruínas húmidas de sangue, destroços fumegantes de incêndios ateados, cadáveres, feridos, mutilados e famintos — inventário fatal de todas as guerras.

Hordas em tumulto ou exércitos ordenados, a multidão aguerrida dos homens não se cansa de morticínios, de devastações, ora em campo raso, ora atolada na lama, em trincheiras ou buracos, procurando matar sem morrer ou, pelo menos, não morrer sem matar.

De longe a longe, como luar abençoado, caindo do céu pelo



Engenheiro Daniel Barbosa
 Ministro da Economia

espírito de justiça do ilustre titular do Ministério da Economia, o Ex.º Senhor Engenheiro Daniel Barbosa. É a Sua Ex.ª, pois, que em primeiro lugar temos de prestar a homenagem do nosso muito reconhecimento, a qual, podemos afirmá-lo, é também a homenagem dos vimaranenses que se prezam de ver respeitados os direitos da sua terra, e que são todos, afinal.

Mas outras entidades tiveram também realçada interferência na boa solução do problema que, durante tanto tempo, trouxe vivamente interessada a opinião pública de um grande e laborioso centro populacional.

Logo, pois, para que esta modesta e merecida homenagem se complete, teremos de citar aqui — e muito gostosamente o fazemos — o ilustre Subsecretário de Estado do Comércio e Indústria, Ex.º Senhor Dr. Correia de Barros; o ilustre Governador Civil do Distrito, Ex.º Senhor Major Nery Teixeira, que desde a primeira hora abraçou apaixonadamente a causa dos vimaranenses, trabalhando por ela com o maior interesse; a Câmara Municipal de Guimarães, que tão bem soube interpretar o sentir de todos os seus munícipes, e ainda as forças vivas da cidade, que mais uma vez se mostraram ciosas dos direitos da sua Terra.

E, portanto, com muita sinceridade e satisfação que o «Notícias de Guimarães» a todos felicita, aguardando e fazendo os melhores votos para que dentro do mais curto espaço de tempo entre em laboração a nova Moagem de Guimarães.

rasgão passageiro de nuvens negras, essa multidão é pacífica e desarmada e segue, entoando cânticos ou clamando palavras de amor, um vulto apenas vestido de uma túnica pobre, que lhe trouxe a mensagem divina da paz, da fraternidade, da subordinação da vida à Vida.

Na contemplação dos séculos, mal se enxergam e ouvem esses vultos pacíficos, porque a poesia dos combates e os mil ruidos das epopeias os ocultam dos nossos sentidos...

Quem se recorda que na Índia

CONTRASTES!... Um apelo FARPAS

FUTEBOL

Agradar a todos?

A propósito de termos manifestado a nossa opinião acerca do pedido dirigido à Câmara Municipal, quanto ao estacionamento de caminhetas junto da Casa Comercial Braga & Carvalho, desta cidade, chegamos aos ouvidos os *zuns zuns* de que a nossa intenção no assunto deixou algo irritado o temperamento de algumas pessoas interessadas no deferimento do mesmo pedido.

Devemos confessar que não nos surpreendeu essa atitude, visto que só o contrário nos poderia causar estranheza, isto é, a concordância dessas pessoas com os nossos comentários, embora muito ligeiros e sem outro objectivo que não fosse o de dizermos o que pensamos a tal respeito.

Não houve da nossa parte outra intenção e, por isso, continuamos a pensar da mesma

imensa, um Homem andou por quase todos os seus caminhos, sem outro bordão que não fosse o do amparo, semeando nas almas a suavíssima linguagem do amor, graças à qual Gandhi pôde fazer a sua Pátria livre, sem hordas nem exércitos?

Quem, para além do ritual e das fórmulas repetidas com o hábito, fecha ainda os olhos para ver Jesus Cristo, vestido como os pobres, descalço como os pobres, falando, à multidão dos pobres, dos tesouros celestiais que só pertencem aos pobres?

A fumarada negra e persistente das guerras não deixa ver — ou desejar! — esses pacíficos condutores da humanidade, única esperança neste mundo de desesperados.

...No nosso tempo, parece que o destino dos homens está dependente da luta entre dois blocos materialistas, entre o conceito mecanizado da vida, de um lado, e o conceito mercantil, do outro.

O espírito entra nessa pugna em forma de palavras, moeda falsa que a História não descontinuará e que só os escravos aceitam, porque não podem recusá-la.

Uma evidentiíssima excepção existia ainda, forte e humano testemunho do valor da alma e da paz, contra os desmandos e as violências da força.

Um homem pequenino, macilento, quase ridículo de corpo, insignificante, descalço como Jesus e exiguamente vestido, como todos os pobres, travava na terra, vitoriosamente, a grande batalha de amor e da fraternidade. Esse homem era Gandhi! A liberdade dos homens nas relações com os homens, a liberdade das pátrias nas relações com as pátrias, e a submissão, segundo a crença de cada um, às leis de Deus, eram o seu Evangelho.

Seguindo-o, a Índia tornou-se livre. Seguindo-o, alguns destruidores de templos alheios vão reconstruí-los agora, por quase divino acordo feito, ainda há dias, com esse apóstolo sublime.

Entre o chicote que a ameaça ou a letra que lhe oferecem para aceitar, a humanidade estremece hesitante e aflita, porque todos os males são Mal e nem por algum ser menor se torna em Bem!

Mas não pode hesitar nem estremecer diante do nome, do exemplo, da vida, da doutrina, do novíssimo testamento de Gandhi cujo corpo pequenino, insignificante, quase ridículo, reduzido a cinzas, já foi lançado às águas do Ganges, mas cuja alma será guardada no próprio coração da Humanidade, para que esta, na sua fraqueza, seja mais forte do que a Força!

A. C.

forma e hoje poderemos acrescentar que os motivos que determinaram aquela deliberação da Vereação Municipal deveriam ter sido devidamente apreciados pelas mesmas pessoas a quem é pedida a revogação da sua anterior deliberação.

Não somos, é certo, apolo-gista da intransigência, mas apenas para aqueles casos em que ela puder ser aplicada, assim como também não somos contrários à revogação pura e simples de uma resolução, tomada individual ou colectivamente, quando a justiça e o direito assim o exigirem. Todavia, no caso presente não vemos quaisquer vestígios dessas atenuantes e é de lamentar que — no que diz respeito à Câmara Municipal — enquanto algumas pessoas desejam mais actividade e mais progresso, outros apenas procurem criar embaraços a essa actividade e a esse progresso, especialmente quando de uma e de outra coisa possa resultar o facto de serem afectados os seus interesses particulares.

Ora, como o interesse geral constitui motivo bastante para, por seu intermédio, se conseguir a prosperidade desejada, nem a Câmara Municipal de Guimarães nem a de qualquer outro concelho poderão estar à mercê dos interesses particulares, sempre que se verifique que a consideração por estes reverte em prejuizo do bem geral. E se assim sempre se tivesse procedido, não teria sido prejudicada a realização de muitos melhoramentos importantes, simplesmente para se fazer a vontade a A ou a B. Reconhece-se isso em Guimarães e, com certeza, o mesmo se há-de reconhecer em muitas outras terras do país, pois trata-se de um mal de que o passado, melhor do que nós, poderá falar.

Quantos erros cometidos e quantos melhoramentos prejudicados na sua finalidade verdadeira em consequência de uma transigência sem limites?

E' preciso, por exemplo, abrir uma estrada? Pois bem. Faça-se o respectivo projecto de harmonia com as conveniências do interesse comum e com a prévia intenção de não surgir a transigência com o Sr. Beltrano ou o Sr. Cicrano, com propriedades atingidas por esse melhoramento. E o que se diz em referência à abertura de uma estrada tem lógica aplicação a qualquer outro empreendimento, salvo, é claro, quando houver necessidade de demolir prédios de habitação. Este caso consideramo-lo muito melindroso e entendemos que a demolição desses prédios não deverá ser ordenada sem que os seus inquilinos tenham outros onde possam instalar-se.

De resto, a ordem do dia é seguir o caminho do progresso, sem respeitos humanos pelas amizades ou pelos *compadres*, nem mesmo pelas conveniências políticas de quem quer que seja.

O único respeito que deverá haver, ou melhor, que não poderá deixar de haver, é pelo direito de cada um ser indemnizado, conscienciosamente, pelos prejuizos que tiver de suportar. Com esse direito, estamos de absoluto acordo e

Trespassa-se

Estabelecimento de venda e aluguer de Bicycletas, situado na Rua Paio Galvão, (Stand do Mercado n.º 61), Guimarães.

Falar com o seu proprietário José de Magalhães de Sousa Bastos.

aos nossos leitores

Uma menina, filha de boa família mas sem recursos, lutando com uma grave enfermidade, necessita submeter-se a um tratamento que se torna bastante dispendioso.

Para que se salve é preciso que a tempo se cuide da sua precária saúde.

A mãe veio, com lágrimas nos olhos, pedir-nos para fazermos um apelo aos nossos leitores, solicitando-lhes o seu auxílio.

Aqui o fazemos certos de que uma vez mais seremos atendidos.

Festas da Cidade

Por ter havido lapso nas contas que publicámos no nosso último número, referentes as festas da cidade, esclarecemos que a receita é de 441.105,40 assim distribuída: saldo, 3.355,20, subscrito pela Câmara, 100.000,00; subscricção pública, 286.934,70, rendimento de barracas, 26.590,00, idem do Jardim, 23.042,50, idem (diversos), 1.183,00; e a despesa de 441.017,50 de: despesas diversas, 440.017,50, incobráveis, 1.000,00, do que resulta o saldo de 87\$90. Aqui fica a rectificação.

fora disso mais uma vez repetimos o que já dissemos: Quem tiver a pretensão de agradar a *gregos* e a *troianos* terminará por não agradar a ninguém e se se tratar de uma entidade com atribuições inerentes ao progresso de uma terra, mais pernicioso se tornará essa pretensão, estando neste caso as Câmaras Municipais. Em face disso, responderemos à pergunta que subordinamos este arrazoado: — Não pode ser!

Efeitos da transigência

Na sua habitual secção *Pela Policia*, lemos, no penúltimo número de «O Comércio de Guimarães», o seguinte:

«O guarda n.º 120 participou nesta Secção que, quando em serviço na Rua Egas Moniz, verificou que o caleiro das águas pluviais do prédio 78, daquela rua, se achava em mau estado de conservação, deixando cair água na via pública. Enviada à Ex.ª Câmara Municipal.»

Nós, que não temos atribuições policiaes, temos visto vários casos desses e em várias ruas, assim como continuamos a ver em mau estado de conservação e de limpeza o exterior de várias casas, não porque os respectivos proprietários não tenham sido intimados — e alguns por diferentes vezes — a proceder às obras necessárias, mas simplesmente em virtude de a entidade competente não ter reagido perante a falta desse cumprimento, conforme os meios ao seu alcance.

A nós, pelo menos, parece-nos que não é por meio dessa transigência que se prestigia a função da Autoridade. Por isso, mandando quem pode, obedeça quem deve e não será preciso recorrer à *sabedoria da Comunidade das Nações* para se constatar que tem de ser assim.

Bom negócio

Está fora de dúvida que mais vale sustentar uma vaca leiteira do que queimar as pestanas com a luz da instrução.

Se é assim ou não, que o digam as leiteirinhas que andam de porta em porta com a *cantarinha* sempre cheia!...

Já foram publicadas, Depois de colecionadas Com toda a seriedade, As contas que se fizeram — E tanto trabalho deram — Com as Festas da Cidade.

Se não estou enganado Quando, no ano passado, Se deram explicações... Já se encontravam formadas E — o que é mais — empossadas As diversas Comissões.

Este ano ninguém informa Se está tudo em *boa forma* E este assunto resolvido... Passam dias e semanas E sobre as «Qualterianas» Tudo parece encolhido!

Como filho desta terra, Sem pretender causar guerra P'ra não sofrer os reveses... Venho aqui, hoje, lembrar Que é preciso trabalhar, Pois já não temos seis meses!

Eu bem sei que o nosso povo Parte e abandona o ovo Quando é chamado à liça... E que, sem pelas nos braços, Derruba e vence embaraços Assassinando a preguiça!

Mas o tempo corre, avança E se há alguém que descança, Deve haver muito cuidado... No meu lindo Portugal **Eles** não têm rival E vejo tudo parado!!!

Darmoa.

Silêncio quebrado...

e verdade proclamada

Tantas vezes se fala de mais e muitas outras vezes se guarda silêncio, quando convinha sumamente falar.

Isto mesmo sucede, com frequência, relativamente à generosidade cristã, evangélicamente encoberta, e que, para bom exemplo de todos, honra da virtude e por amor da Justiça, convém tornar conhecida.

Bem hajam, pois, Monsenhor Domingos Gonçalves e J. O. da Penha publicando as grandes e repetidas benemerências do Ex.º Sr. Comendador A. Pimenta Machado para com a Oficina de S. José de Guimarães e para com a freguesia de Mesão-Frio, deste concelho. Há, felizmente, almas agradecidas pelos benefícios recebidos, no meio de tanta insensibilidade e ingratidão!

Quero também ao lado destes enfileirar, publicando as enormes dádivas do mesmo ilustre Benfeitor que achou a cidade de Guimarães pequena para o âmbito da sua caridade e ânsia de benfeitor, pois quis ir, com a sua caridade, até às freguesias sertanejas de Atães e Lobeira. Em anos sucessivos vieram, por ordem de S. Ex.ª, cobertores, ansiosamente esperados pelos necessitados destas freguesias, atingindo várias dúzias, não esquecendo uma avultada esmola por ocasião do falecimento da sempre chorada D. Maria Amélia Pimenta Machado.

Quanto deve a tão grande Benfeitor a Igreja e a freguesia de Atães! São vários também os trabalhadores desta freguesia, que ganham honradamente o seu pão nas indústrias ou nos armazéns do Sr. Comendador A. Pimenta Machado, admitidos sempre pela mesma ânsia de fazer bem, de enxugar lágrimas e de matar a fome.

Apraz-me verificar como Deus tem recompensado o Sr. Comendador A. Pimenta Machado, permitindo-lhe um desenvolvimento comercial e industrial assombroso. E' que, se um copo de água, dado por amor de Deus, não fica sem recompensa, com muita mais razão merece as bênçãos de Deus os centenares de contos distribuídos por caridade.

Oxalá continuem a chover, em profusão abundante, as bênçãos de Deus sobre todos os empreendimentos de tão ilustre Benemérito, apesar dos olhares vespigos de pessoas invejosas que, embora possam, não querem, como êle, fazer

Vitória, 3. Lusitano, 2. — Um jogo em que os vimaranenses depois de chegarem a 3-0 iam consentindo o empate

Após uma semana inteira de tempo chuvoso, o dia de domingo passado apresentou-se de sol magnífico, o que fez acorrer ao campo da Amorosa regular assistência.

O Vitória apresentou uma formação de recurso, com os reservistas Tarugo e Ferreira a preencherem as faltas de Alcino e Teixeira, que cumprem presentemente penalidade disciplinar. Como nos últimos jogos os vimaranenses sofreram reveses sucessivos, este encontro revestia-se de bastante interesse, sabido que os algarvios, a despeito de ser o primeiro ano que actuam na Divisão Maior, têm tido comportamento valoroso. E não foi iludida a expectativa da assistência porque, especialmente na primeira parte, as equipas proporcionaram luta viril e interessante. O Vitória, que alinhou a favor do sol, logo de entrada começou a impor-se e gerou várias ocasiões de perigo nas redes dos algarvios, sem que estes, contudo, deixassem de ripostar sempre que lhes foi possível. Aos 18 minutos, depois do Lusitano ter cedido dois cantos consecutivos, o Vitória, por intermédio de Brioso, que recolheu um passe feito com boa conta por Tarugo, obtinha o primeiro *goal*, batendo Isaurindo que, aliás, vinha actuando de maneira a inspirar confiança aos companheiros. Três minutos depois, o mesmo Brioso mandou um potentíssimo remate, que a trave inutilizou. Em toada enérgica, de parte a parte, a luta prosseguiu, tendo a defesa vimaranense de intervir com bastante frequência para anular os esforços do ataque contrário, muito diligente e com boa coordenação de jogadas. Aos 36 minutos, mercê de melhor sentido prático e também do maior domínio exercido, Franclim, pleno de oportunidade a recolher um passe de Brioso, fez, de cabeça, o segundo tento dos vimaranenses, o que nem assim fez esfriar o ânimo dos algarvios, que continuaram a lutar com decidida vontade. Aos 40 minutos, o Vitória sofreu perda do concurso de Luciano, o único médio que vinha desempenhando cabalmente a sua missão, atingido deslealmente por um pontapé do defesa-esquerdo visitante, Caldeira. O jogador alvi-negro teve de abandonar o terreno, e os minutos restantes passaram-se havendo apenas digno de nota um grande remate de Brioso, que, no entanto, se perdeu por ser mandado à figura de Isaurindo.

Os dois tentos dos locais apareceram, pois, a premiar a actuação da melhor equipa no terreno, nesta primeira parte. Na metade final, Luciano reapareceu na turma vimaranense, mas fortemente tocado. As primeiras jogadas foram disputadas com muita vivacidade, verificando-se alternativa no comando do jogo. Numa descaída do Lusitano, Germano, extremo-direito visitante, ensaiou um grande chute que se perdeu por esbarrar na barra e, momentos depois, Tarugo, titular do mesmo posto do Vitória, deu sensação de perigo nas redes de Isaurindo, passando, no entanto, o esférico ao lado do poste. Aos

12 minutos, porém, Miguel recolheu o esférico na linha média algarvia, controlou-o bem e, de pronto, com um chute excelente de colocação, obteve o terceiro ponto. Depois deste tento os locais deixaram-se tomar de excessiva confiança, o que os visitantes aproveitaram para ripostar mais decididamente ainda, a ponto de lançarem a confusão na defesa local, que entrou a afundar-se a olhos vistos. A *quebra* iniciou-se na linha média, onde Luciano se movia com dificuldade pela contusão sofrida, e Curado e Garcia lutavam com pouca inspiração. Foi mercê disso que, aos 25 minutos, Angelino, aproveitando uma entrega de Almeida e quando Machado tentava cortar o lance, pôde fazer o ponto de honra dos visitantes, aliás merecido. Com a obtenção deste tento, os algarvios animaram mais ainda e tomaram então o comando da partida, lançando ataques contínuos que a defesa local ia anulando com dificuldade crescente, sendo notória a sua desorientação. Como consequência do domínio exercido, o segundo ponto dos visitantes surgiu naturalmente, pelos pés de Angelino, aos 39 minutos. Pouco depois Machado, ao intervir numa jogada de perigo para as suas redes, com os algarvios todos ao ataque, por choque com um deles, ficou inanimado no terreno, chegando a tirar a camisola para abandonar o seu posto, mas acabou por nele se manter, combatido, até ao final do jogo, o qual enfim chegou para tranquilidade dos adeptos do Vitória, que iam vendo terminar num empate uma partida que os seus representantes podiam ter ganho por margem folgada de tentos.

A arbitragem, confiada ao portuense Avelino Ribeiro, foi atenta e correcta.

Os grupos:

Vitória: — Machado, Ferreira, Costa, Luciano, Curado, Garcia, Tarugo, Rebelo, Brioso, Miguel e Franclim.

Lusitano: — Isaurindo, David, Caldeira, Mortágoa, Madeira, Branquinho, Almeida, Camarada, Angelino, Chinita e Germano.

Da equipe visitante, animosa e combativa, destacou-se a grande altura o guarda-redes.

Nos locais, os reservistas Tarugo e Ferreira cumpriram. Ferreira fez até trabalho muito acertado, cotando-se com direito à efectividade do lugar.

J. Gualberto de Freitas.

Câmara Municipal de Guimarães

CONVOCAÇÃO

O Vice-Presidente, em exercício, da Câmara Municipal de Guimarães, tem a honra de convocar os Ex.ºs Conselheiros Municipais, deste concelho, para a sessão ordinária que, para os efeitos do disposto no § 3.º do art.º 29.º do Código Administrativo, se realiza no dia 13 do corrente mês, pelas 15 horas, na Sala das Sessões desta Câmara Municipal. 769

Paços do Concelho de Guimarães, 6 de Fevereiro de 1948.

O Vice-Presidente da Câmara, em exercício,

Atães-Fevereiro-48.

J. C. D.

Augusto Gomes de Castro Ferreira da Cunha.

da cidade

FALECIMENTOS e SUFRÁGIOS

Comendador Anibal Vasco Ferreira Leão

Faleceu, no Porto, no Domingo, na sua residência à Rua do Rosário e com a idade de 82 anos, o respeitá-



vel vimaranense Sr. Comendador Anibal Vasco Ferreira Leão, casado com a Sr. D. Adelaide Augusta dos Santos Leão.

Era filho do Desembargador e Par do Reino, Sr. João Vasco Ferreira Leão e de D. Adelaide Sofia Moreira Rodrigues Leão, já falecidos.

Era pai da Sr. D. Adelaide Vasco Leão de Sousa Lobo e dos Srs. Américo Anibal Vasco Leão e Carlos Anibal Vasco Leão, sogro do Sr. Gualter Pereira Pinto de Sousa Lobo e da Sr. D. Helena Natália Vasco Leão, avó da Sr. D. Adelaide Leão Lobo Fernandes, casada com o nosso bom amigo Sr. Vasco Leão Fernandes e da Sr. D. Virgínia Pereira Pinto de Sousa Lobo Miranda, casada com o Sr. António Augusto de Moraes Miranda.

O querido finado foi, durante anos, correspondente em Guimarães de vários jornais do Porto. Hábil compositor, escreveu a partitura do *Hino da Cidade de Guimarães*, que constitui uma obra de muito merecimento.

O seu funeral realizou-se na Terça-feira, no Porto, e o cadáver, acompanhado por pessoas de família, foi removido para esta cidade, para o Cemitério de Atougua, onde chegou às 13 horas daquele dia, sendo inhumado em jazigo de família.

O préstito era aguardado pelo Sr. Presidente da Câmara, Dr. Augusto Ferreira da Cunha; Presidente da U. N., Dr. João Rocha dos Santos e Presidente do Grémio do Comércio, Casimiro Martins Fernandes, assim como pela Comissão Executiva das Festas da Cidade do ano findo e por outras individualidades, entre as quais algumas senhoras.

Constituiu-se um único turno composto por pessoas de família do extinto e pelo Sr. Presidente da Câmara, em representação da cidade, sendo a

urna coberta com a bandeira do Município.

O corpo do exímio compositor musical ficou a descansar desde aquela hora em mausoléu vizinho de um outro em que há quase dezasseis anos repousa o corpo de um outro vimaranense — o também saudoso Padre Gaspar Roriz — que em hora inspirada escreveu a letra do *Hino da Cidade*.

Quis o Destino que os dois Homens que nos legaram uma tão bela obra, ficassem, depois da morte, bem perto um do outro. Singular coincidência!

Em sinal de luto pela morte do Comendador Anibal Vasco Leão, a Câmara Municipal, o Grémio do Comércio e o Sindicato N. dos Caixeiros conservaram a meia haste as suas bandeiras durante dois dias.

«Notícias de Guimarães», que também se fez representar no funeral do ilustre vimaranense pelo seu director, apresenta as mais sentidas condolências a toda a família dorida e de um modo muito especial ao seu prezado amigo Sr. Vasco Leão Fernandes e a sua esposa.

D. Emília Rosa

Na sua casa da Lameira, freguesia de S. Salvador de Pinheiro, faleceu, com 59 anos, a Sr. D. Emília Rosa, esposa do proprietário Sr. Joaquim de Almeida; mãe da Sr. D. Filomena de Almeida e dos Srs. Francisco, António e Fernando Almeida; sogra da Sr. D. Aurélio de Passos Castro Oliveira e tia do Rev. Manuel da Silva, pároco de Golães, Fate.

A extinta contava muitas simpatias pelo que o seu funeral teve numerosa assistência.

A família dorida apresentamos condolências.

Cicero Figueiredo

Mandada rezar por seus cunhados a Sr. D. Antónia Teixeira Mendes Duarte e marido o nosso bom amigo Sr. Domingos Duarte, celebrou-se, na Terça-feira, às 8,30 horas, na Basílica de S. Pedro, uma missa em sufrágio da alma do capitalista Sr. Cicero de Figueiro, recentemente falecido no Rio de Janeiro.

Foi celebrante o Rev. Comendador Augusto Borges de Sá, tendo assistido ao religioso acto muitas pessoas das relações da família dorida.

Boletim Elegante

Antiversários natalícios

Fazem anos:

No dia 9, o nosso prezado amigo sr. António Augusto de Almeida Ferreira Júnior; no dia 10, o nosso querido conterrâneo e amigo e distinto Pintor de Arte, Prof. Abel de Vasconcelos Cardoso e os também nossos prezados amigos srs. Inácio Ferreira da Costa, Manuel Simões Sobral e José Paredes; no dia 11, os nossos prezados amigos srs. Dr. João Aires de Azevedo, Alberto Pimenta Machado Júnior, activo e estimado gerente da Fábrica de Tecidos de Vila Pouca, Joaquim Guise, o menino José Manuel da Veiga de Castro Ferreira, filho do distinto clínico e nosso prezado amigo sr. Dr. José Maria de Castro Ferreira e a menina Maria Amélia, filha do nosso prezado amigo sr. Mário Gomes Alves; no dia 12, a sr. D. Elvira dos Anjos Freitas Oliveira Bastos e o nosso prezado amigo sr. Sindo Neves, ausente no Rio de Janeiro; no dia 13, as srs. D. Balbina de Sá Alpoim, ausente na cidade da Beira, filha do nosso prezado amigo sr. Arnaldo Alpoim da Silva e Meneses, D. Aida Julieta Fernandes, filha do nosso amigo sr. Manuel Joaquim Fernandes e D. Amélia Machado e o nosso prezado amigo sr. João Antunes Guimarães Júnior, residente

em Brites; no dia 14, o nosso amigo sr. Alberto Pimenta, filho do conceituado comerciante e nosso bom amigo sr. António Pimenta; no dia 15, o nosso prezado amigo sr. José Faria Martins e a sr. D. Maria Amélia da Silva. A todas as senhoras e cavalheiros apresenta «Notícias de Guimarães», os seus cumprimentos de felicitações.

No dia 11 faz anos a menina Rosa Maria de Lemos Fernandes, filha do sr. Ernesto da Silva Fernandes e de sua esposa a sr. D. Cândida de Lemos, residentes no Rio de Janeiro. Muitos parabéns.

No dia 6 completou nove risonhas primaveras a nossa amiguinha e interessante Maria do Carmo, filha do nosso prezado Director e de sua esposa a sr. D. Laurinda Gonçalves Dias de Castro, motivo por que lhe enviamos muitos parabéns.

No mesmo dia também passou o aniversário natalício do nosso bom amigo sr. Avelino de Araújo Dantas e de sua irmã a sr. D. Sara Augusta de Araújo Dantas, aos quais enviamos as nossas felicitações.

Doentes

Tem passado doente a sr. D. Rosa Pereira de Freitas Cosme, esposa do nosso bom amigo sr. Manuel de Oliveira Cosme.

Têm-se agravado ultimamente os padecimentos do nosso prezado amigo sr. Joaquim da Silva Soares.

Desejamos as suas melhoras.

Já se encontra completamente restabelecido o nosso prezado amigo sr. António Almeida.

Já vimos, também, completamente restabelecidos os nossos prezados amigos srs. Comendador Alberto Pimenta Machado e António José Pereira de Lima.

Partidas e chegadas

Esteve em Lisboa, de onde já regressou, o nosso prezado amigo sr. António Alberto Pimenta Machado e António Faria Martins.

Também tem estado na Capital o nosso prezado amigo sr. Alberto Pimenta Machado Júnior.

Estiveram, há dias, nesta cidade, os nossos prezados amigos srs. Padre Dr. Francisco de Melo e Padre Manuel Ferreira Coelho, de S. Pedro da Raimonda.

Vida Católica

Congregação de Maria Imaculada (Homens) — Realiza-se, hoje, na Basílica de S. Pedro, a festa anual desta Congregação Mariana, que consta do seguinte:

A's 8 horas, missa solene, cantada a vozes e harmonium e comunhão geral.

A's 15 horas, admissão de novos aspirantes e congregados, posse dos novos dignitários, exposição do SS. Sacramento, sermão e bênção do SS. Sacramento.

Será orador o Rev. Dr. Adão Salgado Vaz de Faria, professor do Seminário Arquidiocesano.

Devoção das Quarenta Horas — Realiza-se, hoje, amanhã e depois, no templo da Misericórdia, servindo de paróquia de S. Paio, a solenidade das Quarenta Horas, que constará, nos três dias, de exposição, às 15 horas, desagravos, sermão e bênção do SS. Sacramento.

Imposição das Cinzas — Na Quarta-feira próxima e em todas as paróquias da cidade, realiza-se, às 15 horas, a piedosa e comvente cerimonia da imposição de cinzas aos fiéis.

Nossa Senhora do Perpétuo Socorro — Na capela dos Padres Redentoris-

da Matriz deram o sinal de finados. Quem teria morrido? — perguntavam uns aos outros, até que o sineiro espalhou a notícia do falecimento do grande proprietário José de Aguiar.

Piedosamente, todos recomendaram a sua alma a Deus e o acompanharam ao cemitério.

Passaram-se dias. O povo andava ansioso por saber se os herdeiros, os senhores Joãozinho e Arturinho, levariam a sua avante não dando ao pessoal da sua Casa Agrícola o que o tio desejava legar-lhe. Fizram uma reunião e ficou assente que o feitor iria falar com os novos patrões a fim de aclarar o caso — o qual foi esclarecido com a resposta formal de que nada dariam ao pessoal além de umas carradas de trigo nas próximas ceifas. Lavrou revolta por entre os trabalhadores. Aquilo não podia ficar assim... pois que a herdade do Perestrelo pertencia-lhes por vontade do seu falecido patrão.

«Temos que ajustar contas!», — clamava Júlio Catanita.

«E' à cacetada!», — gritava Joaquim Roxo.

«Isso mesmo! Para vilão, vilão e meio!», — opinava Manuel Carraga.

«Avante, rapazes! Vamos fazer uma batida aos nossos patrõeszinhos», — pediu José Mourão.

Enfim, todos deram a sua opinião até que, finalmente, combinaram uma emboscada aos patrões quando, no próximo sábado, lhes fossem pagar a fêria.

A' hora marcada, lá estavam todos, homens e mulheres, bem armados com cacetes e calhaus. Naquele dia, porém, só o Arturinho, o mais novo, se dirigia à ganhar para fazer os pagamentos. Tanto pior. Seria ele o único alvo.

Caíram sobre ele as primeiras pedras. Puxou por uma pistola e deu vários

tiros ao acaso, até que uma pedrada mais vigorosa o fez cair ao chão.

Nessa altura, todos correram para ele com os cacetes em rista. Quem primeiro dele se aproximou foi a Mafalda — linda cachopa, airosa e bem falante, filha do feitor. Deu-lhe um safanão, com fugido rancor, e murmurou-lhe quase ao ouvido: «Finja-se morto!», Artur assim fez. Entretanto, Mafalda gritou aos revoltosos: «Morreu!».

Fizeram-se lívidos. Matar... matar — não fora o seu propósito. Fugiram dali. De quem teria sido a pedrada certeira? — perguntavam uns aos outros. Nenhum se julgava culpado.

Artur, ao sentir-se só, arrastou-se para casa. O irmão e o pessoal de dentro ficaram aterrorizados. Trataram-lhe os ferimentos, calaram-se, e a faina nos campos continuou como se nada tivesse acontecido. Os trabalhadores estavam pasmados — e mal ousavam olhar Joãozinho quando este lhes dava ordens.

Onde estaria o irmão? Morto? Vivo? Não sabiam.

Mafalda foi chamada ao escritório de João. Trêmula, entrou e aguardou o interrogatório — que não tardou a efectuar-se.

João queria recompensá-la pelo seu acto que, mui possivelmente, salvara o irmão. Mafalda, porém, recusou determinantemente o que quer fosse a não ser... a herdade do Perestrelo para os trabalhadores.

«Isso, jamais!», — gritou João.

«Nesse caso, não se queixem da justiça do povo!», — exclamou Mafalda, arrogantemente.

João conservou-se silencioso durante uns minutos e, por fim, disse de modo suave e pausado:

FRANCISCO DE FARIA

Agradecimento e missa do 30.º dia

Sua Família julga ter agradecido a todas as pessoas que se dignaram acompanhá-la na sua dor, bem como àquelas que lhe apresentaram ou enviaram condolências e assistiram às cerimónias fúnebres, mas porque possa haver qualquer falta, aliás involuntária, manifesta por este meio e seu indefinido reconhecimento.

Participa também, que será rezada, no próximo dia 12, na Basílica de S. Pedro, pelas 9 1/2 horas, uma missa em sufrágio da alma do saudoso finado, agradecendo, desde já, a todos os que assistirem a tão piedoso acto.

Garrafas vasias novas

VENDEM-SE. Falar na Rua da Liberdade n.º 29, com Mário Sampaio — GUIMARÃES.

Teatro Jordão

HOJE, às 15 e às 21 horas

Apresenta: PARADA DE ESCANDALOS

Com Joan Davis e Jack Maley
UM ESPECTÁCULO DE LOUCURA E DE ENTUSIASMO

Amanhã, 9, às 21 horas:

BUCHA E ESTICA ENTRE FANTASMAS

Terça-feira, 10, às 15 e 21 horas:

Buster Keaton (PAMPLINAS), Jack Oakie e Peggy Ryan
EM O CÊU TAMBÉM DA FÉRIAS

Sexta-feira, 13, às 21 horas:

DIVINO TESOURO

Com Robert Youy e Laraine Day

TEATRO JORDÃO

«Os dois marcanos»

O Grupo Cénico dos Caixeiros de Guimarães levou à cena no Teatro Jordão, nos passados dias 3 e 5 conforme estava anunciado, a comédia-drama em 3 actos — *Os Dois Marcanos*, da autoria do saudoso Padre Gaspar Roriz.

Em ambas as noites a ampla casa encheu-se e por toda ela ecoaram vibrantes e bem merecidos aplausos aos intérpretes da peça e ao seu incansável ensaiador o nosso bom amigo Sr. Luís Filipe Coelho.

Para a sua estreia o Grupo Cénico dos briosos Caixeiros não podia ter escolhido obra melhor. Escrita embora há umas dezenas de anos e, ainda hoje, de flagrante oportunidade. Tem cenas que causam emoção e fazem umedecer os olhos. Toda a peça é uma grande lição que se vê com o maior interesse.

Nesta representação de *Os Dois Marcanos* todos os personagens se houveram à altura dos papeis que lhes foram confiados. De Américo Ferreira e de Maria Luiza Xavier, nos papeis de «Manuel da Igreja» e de «Rita», sua mulher, já não era de esperar outra coisa que não fosse a boa exibição que nos deram, dados os seus muitos conhecimentos na Arte de representar e a sua longa prática em pisar o palco.

Mas de João Ferreira de Melo, em «Alexandre Pinto» (major reformado); Manuel António Branco, em «Alfredo da Silva»; Joaquim Fernandes, em «Aprígio da Fonseca» (poeta nefelibata); Abel Sampaio, em «João» (brasileiro); António Soares de Abreu, em «Faustino», carrejão; Fernando Moreira, em «um criado de lavoura»; Amadeu Guimarães, em «António da Costa Miranda»; António Ferreira da Cunha, em «Abade»; João da Costa Rodrigues e Carlos da Silva Bastos, em «Abílio» e «Francisco», respectivamente, e de Olga Pimenta, em «D. Amélia»; de Emília Almeida Leite, em «Uma Mendiga»; e de Ruth Nazaré Pimenta, em «Uma freguesa aldeã», que vimos pela primeira vez e que, supomos, também pela primeira vez se apresentaram a

representar em público, só teremos de dizer que cumpriram e cumpriram muito bem, havendo mesmo alguns que pareciam ter já larga prática de declamar.

João de Oliveira Areias, José Luís Góis, Augusto da Costa Monteiro, António Leite de Castro, Joaquim Auzina e outros, completaram bem o magnífico conjunto.

O cenário do primeiro acto — um cenário novo e feito habilidosamente, deixou a assistência maravilhada. Augusto Távora, que o pintou, foi felicíssimo. Boa a encenação de toda a peça.

Podem estar contentes os promotores dos espectáculos e contente pode estar também o ensaiador da peça. Ambas as representações agradaram em absoluto ao público o que, diga-se em abono da verdade e de passagem, nem sempre sucede mesmo quando nos visitam Companhias com nome feito e com artistas consagrados...

No início do primeiro espectáculo o Sr. Amadeu Guimarães, Presidente do S. N. C., referiu-se àquela iniciativa e fez breves considerações à volta da criação do Grupo Cénico, terminando por homenagear o dedicado ensaiador, Sr. Luís Filipe Coelho, a quem a assistência tributou calorosa ovação.

Ao iniciar-se o segundo sarau o mesmo Sr. proferiu algumas palavras de homenagem ao saudoso Padre Gaspar Roriz e ao Comendador Anibal Vasco Leão, recentemente falecidos os quais nos deram a letra e a música do Hino da Cidade, que então foi executado pela orquestra. Finda a execução, a assistência guardou uns momentos de silêncio em homenagem àquelles prestimosos e inquecíveis vimaranenses.

Às Fábricas

Especialidade em artigos para Armazém de Fazendas Brancas, Malhas e Miudezas.

Agente Commercial com clientela adquirida há muitos anos no Centro do País, deseja aceitar colecções.

Informa: Fábrica de Malhas de Santa Luzia, Rua de Paio Galvão, Telefone, 4231, GUIMARÃES.

770

UM CONTO POR MÊS

JUSTIÇA DO POVO

Por ISaura CORREIA SANTOS.

«Estarei doído, na verdade, como eles dizem?», — perguntava o nonagenário José de Aguiar à sua imogem reflectida num belo espelho do João V, e ajuntava enérgicamente:

«Não! Não é possível. Estou em pleno juízo... Eles é que são doídos. Doídos? Bem pior do que isso.

São bandidos, são ladrões, querem tudo para eles... e não consentem, sequer, que a liberdade do Perestrelo seja dividida pelos homens que têm amanhã as minhas terras e contribuído para a fortuna que hoje tenho. Tenho? Ah, não tenho, não. Eles é que mandam em tudo...»

José da Aguiar arrastou-se para um sofá, praguejando: «Raios! Este coração e este inchaço em breve me levarão à cova! E melhor será... e melhor será... Soluçou e continuou os seus desabafos: «Se eu pudesse fugir... iria até Lisboa gritar aos psiquiatras que provassem o meu perfeito juízo.»

Nisto, abriu-se uma porta — apareceu um cavalheiro, ainda novo que, de modo afectado, perguntou: «Quere alguma coisa, tio?»

«Não.»

«Como o ouvi falar...»

«Estava a amaldiçoar-te, a ti e ao teu irmão.»

«Lá está o tio...»

«Sim, cá estou eu, interdito... interdito porque quero ser justo no fim da minha vida — já que antes o não fui,

quando engava as energias dos trabalhadores...»

«O' tio, não fale nisso. Esqueça essas coisas; entretenha-se com os seus livros, ou, se quiser, joguemos uma partida de xadrez.»

«Xadrez? Essa é boa! Então achas que um velho doído terá capacidade para jogar xadrez?»

«Lá continua o tio...»

«Joguem, antes, uma partida de cartas», — aconselhou um outro cavalheiro, de meia idade, entrando na mesma sala.

«Também tu? Costuma estar só um de guarda... mas hoje juntaram-se os dois!», — disse o ancião dando, entretimentos, uma gargalhada seca.

«Se a nossa presença lhe não agrada, retirar-nos-emos...», — disse um dos sobrinhos.

«O que eu queria, é que se retirassem para bem longe e de uma vez para sempre!», — gritou o tio, enquanto um tique nervoso lhe movimentava fortemente as pálpebras.

Os sobrinhos saíram.

José de Aguiar recostou-se no sofá e fechou os olhos. Minutos após, reanimou-se e puxou por um papel e lápis que estavam próximo dele. Voltou a fazer o velho esqueça... A herdade do Perestrelo, a maior de Portugal, seria dividida em pequenas quintas que legaria ao Joaquim Roxo, ao Manuel Carraga, ao Júlio Catanita, ao...

Não podia escrever mais. Faltava-lhe o ar; parecia-lhe que o coração iria rebentar de um momento para o outro. Tocou a campainha e pediu que abrissem uma janela. Durante largos minutos, sentiu que a morte o arrastava sufocando-o. Deram-lhe uma injeção e ficou melhor.

No dia seguinte, de manhã, os sinos

Crime de morte

Eurico Romualdo da Silva Peixoto, casado, de 31 anos, empregado comercial, residente na freguesia de Santa Eulália de Barrosas, concelho de Lousada, entregou à Polícia de Guimarães, José Alves Narciso, solteiro, de 18 anos, vendedor ambulante, residente em parte incerta, declarando à Autoridade Policial que o Narciso, juntamente com outro indivíduo que se encontra detido no Posto da G. N. R. da vila de Vizela, assassinaram à navalhada, na mencionada freguesia, um mendigo, cuja identidade se ignora, sendo o roubo o móbil do crime.

O Narciso recolheu, após o interrogatório a que fôra submetido e no decorrer do qual confessou o crime de que é acusado, aos calabouços da Esquadra Policial.

Os dois criminosos aguardam a organização do respectivo processo para serem entregues ao Poder Judicial.

As cascas de laranja...

Voltam a aparecer pelas ruas e em grande quantidade, o que é feio e revela pouca educação, as cascas de laranja.

É necessário por cobro a tal abuso, punindo os delinquentes, pois a cidade não pode estar à mercê de casos que a deprimam aos olhos de quem nos visita.

As cascas de laranja terão de desaparecer finalmente e para sempre da via pública.

E isso não será difícil, uma vez que a cidade tem agora mais guardas ao serviço da P. S. P., o que já permitirá um melhor policiamento por forma a reprimirem-se abusos, pondo termo de vez às feias acções.

Assim o esperamos.

Três feridos

num acidente de viação

No Domingo, à noite, um automóvel conduzido pelo seu proprietário Sr. António Ribeiro de Sousa Sampaio, de 39 anos, industrial, de Gondar, deste concelho, quando passava na freguesia de Esporões, Braga, foi, parece que devido a uma derrapagem, embater contra um prédio. No veículo seguiam, além do proprietário, os Srs. António Pinto Lisboa, industrial, e Joaquim Fontão, operário têxtil, ambos do Pevidém, que ficaram feridos, aquele numa perna e este no nariz, tendo recebido curativo no posto de socorros do hospital. O António Sampaio, que sofreu fractura exposta do braço esquerdo, ficou internado no mesmo hospital. Os feridos foram tratados pelo Sr. Dr. Alberto Cruz, de Braga.

Perdeu-se

Na Terça-feira, no Teatro Jordão, desde o Balcão até ao Palco, um cordão de ouro. Gratifica-se quem o entregar nesta Redacção.

Leilão de Objectos

Na Esquadra Policial proceder-se-á, no dia 10, às 15 horas, ao leilão de vários objectos que foram encontrados na via pública e que não foram procurados pelos seus donos.

VENDE-SE

Em praça amigável, uma propriedade composta de casa de habitação e terreno de cultivo, pelas 15 horas do dia 15 do corrente, em Silveiras, junto da igreja velha, já demolida.

A CULTURA PORTUGUESA

NO JAPÃO

O «Amor de Perdição», a mais conhecida e divulgada obra de Camilo Castelo Branco, que conta, já, algumas traduções, foi agora vertida para japonês.

O facto revela, uma vez mais, o interesse, sempre crescente, dos estrangeiros pelo estudo das coisas portuguesas.

Como curiosidade, aqui registamos o prefácio do tradutor, Sr. Masatake Takahashi — o espírito da obra de Camilo Castelo Branco vista através de uma mentalidade oriental.

«Obra prima de Camilo Castelo Branco, que foi a expressão máxima das letras portuguesas contemporâneas, pode o «Amor de Perdição» simbolizar ao mesmo tempo o romantismo que sacudira a época. É o «Romeu e Julieta» imigrado nesse País de verde permanente e cheio de sonhos, onde o céu imenso do Sul europeu límpido se estende. É romance de amor profundo pintado de sangue, que ardente e cheio de vigor, caracteriza um país de paixão.

É desejo do tradutor oferecer este romance especialmente à juventude, fecunda em sensibilidade e sonhos. Deve ser a classe que saberá avaliar devidamente o valor das lágrimas juvenis e do amor irredutível, à prova de todas as intempéries. É possível que o factor tempo seja para o jovem leitor motivo de esquecimento: as ocorrências descritas, as suas particularidades e o carácter de seus protagonistas, tudo se apagará da memória. O que permanecerá sempre viva na memória será sem dúvida a nobreza de carácter de um jovem de 18 anos, aliada ao amor platónico da jovem e ao espírito de sacrifício que caracteriza a existência miserável da pobre rapariga.

Não podia ser maior o prazer do tradutor, ao servir de intérprete da literatura daquele país, com poucas oportunidades de ser conhecida aqui.

Os sub-títulos não são exactamente a tradução do original: foram adaptados pelo tradutor por considerá-los adequados. A tradução está escrita com a nova ortografia.

O êxito desta tradução muito deve aos professores Makot Hoshi e José Muños, da Escola de Línguas de Tóquio, a quem manifesto aqui a mais sincera gratidão.»

ANÚNCIO

Faz-se público que por escritura de 23 de Janeiro de 1948, lavrada pelo notário desta cidade e comarca Doutor Eduardo Borges Vieira de Mascarenhas, António Antunes, casado, comerciante, da Rua de S. Dâmaso, desta cidade, fez cessar à Sociedade «Gráfica Minhota, Limitada», com sede nesta cidade da sua quota de 50.000\$00 que nela tem.

Secretaria Notarial de Guimarães, 3 de Fevereiro de 1948.

O Ajudante da Secretaria Notarial,

Martinho da Silva.

José Rodrigues Ferreira
HORTICULTOR

Casa da Lomba — Cabouco — Coimbra

Encarrega-se da plantação de oliveiras com todos os requisitos da nova técnica, assim como todas as plantas de fruto.

Pode ser procurado em Guimarães, na PENSÃO LOPES, à «Porta da Vila».

Sindicato Nac. dos Operários da Indústria Têxtil do Distrito de Braga

Sede em Guimarães

Assembleia Geral Ordinária CONVITE

Nos termos do Decreto-Lei n.º 23.059, de 23 de Setembro de 1933 e do Artigo 46.º do Estatuto deste Sindicato Nacional e em substituição do convite de 29 de Janeiro p. p., oportunamente publicado na Imprensa, tenho a honra de convidar os senhores associados, deste Organismo Corporativo, no pleno gozo dos seus direitos sindicais e que se façam acompanhar dos respectivos cartões sindicais, devidamente revalidados no ano de 1947, a reunirem em Assembleia Geral Ordinária no próximo dia 1 de Março, pelas 20 horas, na Sede Social, sita à Praça de S. Tiago n.º 34, desta cidade, com a seguinte

ORDEM DO DIA

Apreciação e aprovação do Relatório e Contas da Gerência de 1947.

Se à hora acima marcada, não comparecer número legal de associados, esta Assembleia Geral Ordinária, funcionará legalmente 1 hora depois, com qualquer número de sócios.

Fica sem efeito o convite citado de 29 de Janeiro findo.

766 A Bem da Nação.

Guimarães, 6 de Fevereiro de 1948. Ano XXI da R. N.

O Presidente da Assembleia Geral,

Alvaro Cândido de Lemos.

Sindicato Nac. dos Operários da Indústria Têxtil do Distrito de Braga

Sede em Guimarães

Assembleia Geral Ordinária CONVITE

De harmonia com o determinado no Decreto-Lei n.º 23.050, de 23 de Setembro de 1933 e do Artigo 46.º do Estatuto deste Sindicato Nacional, tenho a honra de convidar os senhores associados, no pleno gozo dos seus direitos sindicais, a reunirem em Assembleia Geral Ordinária, no próximo dia 7 de Março (Domingo), pelas 9 horas, na Sede Social deste Organismo Corporativo, sito à Praça de S. Tiago n.º 34, desta cidade, com a seguinte

ORDEM DO DIA

Eleição dos Corpos Gerentes para o triénio de 1948-1950.

Seguindo as normas estatutárias e expressas no Despacho de Sua Excelência o Sub-Secretário de Estado das Corporações e Previdência Social, publicadas no Diário do Governo n.º 9-2.ª Série, de 12 de Janeiro p. p., devidamente patentes aos associados, que as pretendam consultar, na Secretaria deste organismo.

Se à hora acima indicada não comparecer número legal de associados, esta Assembleia Geral Ordinária funcionará legalmente 1 hora depois, com qualquer número de sócios.

N. B. — Os sócios devem

«Notícias de Guimarães» n.º 836-8-2-948



COMARCA DE GUIMARÃES
Secretaria Judicial

Arrematação

(2.ª publicação)

No dia 28 de Fevereiro próximo, pelas 12 horas, no tribunal desta comarca, situado na rua do Gravador Molarinho, desta cidade, há-de proceder-se, em hasta pública, à arrematação do prédio abaixo mencionado, em virtude de deliberação dos interessados na acção de divisão de coisa comum proposta por António Ferreira e esposa Arminda de Melo Soares da Costa Ferreira, da rua de S. Torcato, desta cidade, contra Inácio Ferreira e esposa Maria da Luz Pinto de Figueiredo, do Campo do Salvador, também desta cidade, e outros; a saber: — Um prédio urbano sito, com os números de polícia 15 e 17, na rua de São Torcato, freguesia de Azurém, desta cidade e comarca, descrito na Conservatória sob o número 7847, o qual será posto em praça pela quantia de 45.000\$00, ficando unicamente a cargo do arrematante o pagamento de toda a respectiva sisa.

Guimarães, 28 de Janeiro de 1948.

O Chefe da 2.ª Secção,

Serafim José Pereira Rodrigues.

Verifiquei.

O Juiz de Direito,

Lobo e Silva.

AGRADECIMENTO

Dr. Domingos Rocha, vem agradecer ao Ex.º Corpo Clínico, às Ex.ªs Irmãs de Caridade, à II.ª Mesa e mais pessoal do Hospital Geral de Santo António, desta Cidade, a maneira cuidada e carinhosa como foi tratado durante o seu internamento na unidade Estabelecimento, para a intervenção cirúrgica a que foi submetido.

Na impossibilidade de agradecer, também, a todas as pessoas que directa ou indirectamente procuraram informar-se do seu estado de saúde, vem fazê-lo por este meio, pedindo desculpa de qualquer omissão havida.

Guimarães, 4 de Fevereiro de 1949.

Domingos Rocha.

Fernando Pizarro de Almeida
ADVOCADO

ESCRITÓRIO:
Rua de Gil Vicente, 66
GUIMARÃES

VENDE-SE

Cota de Fábrica de Tecidos, em laboração, no Concelho de Guimarães. Informa-se nesta redacção

fazer-se acompanhar dos respectivos cartões sindicais, devidamente revalidados no ano de 1947.

Fica sem efeito o convite citado de 29 de Janeiro findo.

765 A Bem da Nação.

Guimarães, 6 de Fevereiro de 1948. Ano XXI da R. N.

O Presidente da Assembleia Geral,

Alvaro Cândido de Lemos.

Batatas de Semente

ESTRANGEIRAS — CERTIFICADAS

Para se obter boa produção, é necessário lançar à terra BOA SEMENTE e BOM ADUBO. Não tenham ilusões! — Utilizando batatas não certificadas, não podem ter boa colheita!

Acabam de chegar batatas de semente, certificadas pelos Serviços Fitopatológicos, das seguintes variedades:

BINTJE --- EIGENHEIMER --- UP-TO-DATE e ALMA
BÓNUS AOS REVENDEDORES

Pedidos aos importadores directos:

Sociedade dos Adubos Labor, L.ª

Rua do Loureiro, 70 --- PORTO
TELEFONE, 21792

Tem fábrica própria de adubos para **BATATAS, VINHA, OLIVEIRAS e demais culturas**

FRANCISCO JOAQUIM DE FREITAS & GENRO

CASA CHAFARICA
(REGISTADA)

Largo do Total, 70 a 73 — Telefone, 4308 — GUIMARÃES

Anexo: ARMAZÉM DE MERCEARIA de Francisco Pereira da Silva Quintas

CORRESPONDENTES de:

Banco Borges & Irmão, Banco Burnay, Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, Banco Lisboa & Açores, Banco Pinto & Sotto-Mayor, Banco Português do Atlântico, Banco Regional de Aveiro, Credit Franco-Português, Plano Pereira & C.ª — Banqueiros.

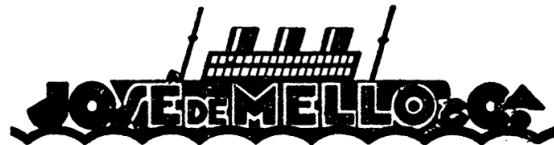
DEPOSITARIOS de:

Companhia Portuguesa de Tabacos, A Tabaqueira, Fósforos, Companhia Previdente, Produtos «Shell», Sociedade de Produtos Lácteos.

Vinhos Borges e Lotaria do Banco Borges & Irmão.

Agentes Transitários e Camionistas

Encarregam-se do desembaraço de mercadorias, por Exportação e Importação. Sua Recolha ou entrega no Domicílio.



Casa fundada em 1828

ESCRITÓRIOS: Rua Nova da Alfândega n.º 67 — PORTO com Armazens de Retem e Depósitos (Área coberta: 3.000 metros quadrados)

EM MATOSINHOS: R. de Brito Capelo n.º 912 e R. de Roberto Ivens n.º 903

Telefones: 21078 e 21074 — Mat. 647 — Est. 57

JOSÉ FERREIRA BOTELHO & C.ª, LIMITADA

Rua do Mousinho da Silveira, 140-1.º

PORTO

BATATAS DE SEMENTE

Nacionais Certificadas
Classe B — Calibre mixto

ARRAN BANNER } Sacos de 50 quilos, 180\$00
ARRAN CONSUL }
UP-TO-DATE }

De Origem Dinamarquesa

ALMA } Sacos de 50 quilos, 185\$00
BINTJE }
UP-TO-DATE }

De Origem Holandesa

BINTJE } Sacos de 50 quilos, 185\$00
EIGENHEIMER }
RECORD }
EESTERLING }
BEVELANDER }

Façam os seus pedidos para entrega imediata na seu Agente em Guimarães

PEDRO DA SILVA FREITAS

«CHAFARICA»

11, RUA DE SANTO ANTÓNIO, 13

Telefone, 4221 Telegr. PERFEITAS

ADUBOS QUÍMICOS ORGÂNICOS — TRIUNFANTE.